

A "VILA" DE ITANHAÉM

J. R. DE ARAUJO FILHO

Há muitas cidades brasileiras, assim consideradas sob o ponto de vista político-administrativo, que não podem merecer tal designativo, se encaradas dentro do rigoroso conceito geográfico: por sua modéstia e por suas funções, não passam de verdadeiras vilas.

É o caso de Itanhaém, velho aglomerado quinhentista, situado no litoral do Estado de São Paulo, que o prof. JOSÉ RIBEIRO DE ARAUJO FILHO, sócio efetivo da A. G. B., estudou no capítulo III da sua tese de doutoramento, que aqui vai reproduzido.

Itanhaém e seu sítio urbano. — Observando-se num mapa, embóra rapidamente, a vastidão das praias Grande e Peruíbe, compreenderemos porque o local onde se erigiu Itanhaém foi o escolhido, sobrepujando o antigo aldeamento indígena de São João Batista. Chama logo atenção a existência da barra de um rio, que permitia a entrada de embarcações, e das pequenas saliências, que se destacam na planura próximas umas das outras.

A cidade nasceu ao pé do morro do Convento (o menor dêles), sôbre as restingas que se formaram à custa do ponto de amarração por êle oferecido. Inicialmente, o sítio se limitava a uma língua estreita de terra enxuta, um verdadeiro pontal, cercado pelo mar ao sul e sudeste, pelo rio que tocava a base do morro a oeste e, finalmente, pelos manguesais a nordeste. Nas proximidades da praia, os alinhamentos de dunas, com cêrca de dois ou três metros de altura, vieram servir de proteção contra a invasão das águas por ocasião das grandes marés, numa praia do tombo, como é a dêsse trecho, fazendo com que o local primitivo da cidade fôsse enxuto.

Hoje em dia, a área ocupada pela cidade foi bastante ampliada com a conquista de novas terras, ganhas aos manguesais, graças ao recuo do leito feito sôbre sua margem direita. O forte desvio do rio veio levá-lo de encontro ao morro Cunha Moreira, antes ilhado na baixada, tornando a barra de mais difícil acesso e roubando aos irades do Convento do alto do morro o seu pôrto. A área pantanosa, coberta de mangues e perrechis, que foi acompanhando o desvio do rio Itanhaém, viu-se definitivamente conquistada com a

construção do atêrro da estrada de ferro, em 1915. Tal atêrro veio permitir o rápido secamento das terras apertadas contra êle e a fôz do rio, deixando, porém, subsistir o mangue logo à sua direita, onde já alcançavam as águas durante a maré-alta.

A consequência disso tudo é que, atualmente, podemos distinguir em Itanhaém (com um certo exagêro na expressão), uma *cidade alta* e uma *cidade baixa*.

A primeira, ocupando a parte mais enxuta, isto é, a restinga prôpriamente dita, a 4 metros de altitude, corresponde à parte central da cidade; é justamente o trecho representado pelo casario velho, parede contra parede, renteando a calçada, formando as duas ruas antigas e o largo da Matriz, e que, à maneira das restingas, nasceu no sopé do outeiro do Convento. Ainda hoje é o trecho que guarda os vestígios da Itanhaém do passado; o homem pouco o modificou, desde que o construiu.

A segunda, a que chamamos de *cidade baixa*, ocupa a área recém-conquistada ao mar e ao rio, após a construção do atêrro da estrada de ferro; está separada da "cidade alta" por pequenos declives e barrancos arenosos, uma vez que existe um desnível de uns 3 metros, em média, entre as duas partes. Êste trecho baixo da cidade, colocado a apenas um metro de altitude e sôbre terrenos ainda pouco consistentes, necessita de constantes trabalhos de drenagem e saneamento, problema, aliás, que sômente nos últimos tempos tem merecido certa atenção dos poderes públicos (1). Contudo, tal trecho da cidade é o que mais se desenvolve atualmente, por ser o mais próximo do rio e ponto de passagem para as praias de banho.

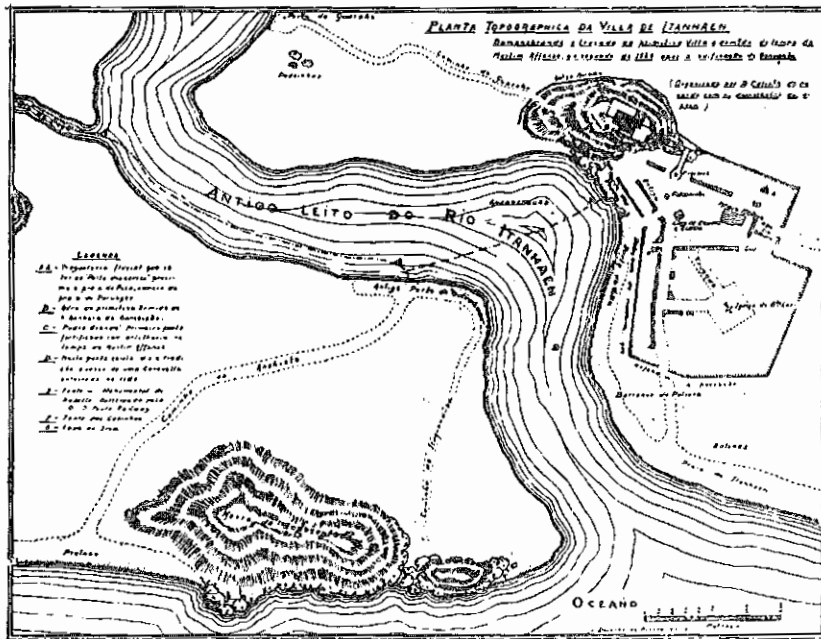
Êsse sítio foi ainda estendido para além do rio, na sua margem direita, no local chamado da Prainha, justamente sôbre um "tômbolo" que liga os morros de Taquanduva e Cunha Moreira; êle apresenta um fator importante para a sua ocupação — as duas praias apropriadas para banhos, já que a extremidade da praia Grande oferece perigos para os banhistas.

No entanto, a ocupação de todo o atual sítio urbano só se fêz de há pouco tempo para cá. Até 1930, quem observasse a paisagem urbana de Itanhaém, do alto do morro do Convento, veria que ela não mudara muito em relação aos tempos passados. Salvo uma ou outra construção nova, em geral de gente de fóra, e o trecho baixo da cidade, já à beira do rio, que estava sendo conquistado desde a construção do atêrro da Estrada de Ferro Santos-Juquiá, o mais

(1) As valas eram escavadas ao longo das ruas e permaneciam a céu aberto; últimamente têm sido cobertas. A dedetização tem sido feita periodicamente, não só na cidade, como também nos sítios de banana do interior da Baixada, de modo que o surto de malária vem diminuindo sempre. Alás, o plantio dos bananais na Baixada interior muito contribuiu para a redução dos casos de malária na zona.



Itanhaém e seu sítio urbano (Foto da "E. N. F. A.")



Planta da primitiva vila de Itanhaém, segundo a reconstrução de Benedito Calixto. Nesse tempo, as águas do rio tocavam o morro do Convento.

continuára no que sempre fôra a vila colonial — uma das menos importantes na orla litorânea paulista.

Fundada ainda nos primórdios do quinhentismo, iniciando o povoamento de suas vizinhanças com um certo interêsse da parte dos que então logravam explorar as suas plagas e servindo como sede de Capitania por mais de um século, nem assim pôde Itanhaém ir para a frente e acompanhar o desenvolvimento de outros núcleos, que também se formaram no litoral de São Paulo pela mesma época. É que sobre ela pesam, além de uma situação geográfica infeliz, séculos de abandono por parte dos poderes oficiais. Dir-se-á que êsse abandono foi geral, abrangendo também as demais cidades litorâneas. Entretanto, em algumas delas o problema da situação era outro. Ou porque tivessem um "hinterland" vasto e produtivo, ou porque estivesse em relações diretas com o planalto, o fato é que Iguape, São Sebastião ou Ubatuba conheceram o seu período áureo, como ainda hoje atestam os seus sobrados e casarões senhoriais. Nada disso se viu em Itanhaém, onde, salvo as duas igrejas coloniais e os restos do convento franciscano, nada mais existe que possa mostrar um período de grandeza.

Se, nos últimos dez anos, pode-se observar um certo movimento de renovação na pequenina "urbs" e seus arredores, tal fato se deve exclusivamente aos veranistas paulistanos, que, na ânsia de encontrar um refúgio para os seus dias de folga, têm feito algo de novo em vários trechos das praias paulistas, inclusive na região de Itanhaém.

Uma visão do passado. — A fundação da atual Itanhaém teve lugar por volta de 1549, época em que já existia um aldeamento indígena, dirigido por portugueses, distante duas léguas e meia do local, em plena praia de Peruíbe (2). Êsse aldeamento fôra fundado quando da estada de Martim Afonso em São Vicente e passa, assim, por ser a segunda povoação criada por aquêlê donatário, no litoral da antiga Capitania. O primitivo nome dêsse aldeamento foi *Itanhaém*, pois aí habitavam os índios conhecidos por êste nome. Daí a confusão que fariam mais tarde os historiadores, sôbre a data e o local da fundação da Itanhaém de nossos dias.

Apesar de não ser historiador, Benedito Calixto se incumbiu de deslindar, não só o caso da fundação da cidade, como também todos os problemas que a ela estiveram ligados, durante o rumoroso processo Vimeiro-Mon Santo, originado pela demanda entre os herdeiros de Martim Afonso e Pero Lopes, na disputa das terras das antigas Capitanias de São Vicente e Santo Amaro (3).

(2) CALIXTO (Benedito) — *A Vila de Itanhaém* — Tip. "Diário de Santos" — 1895.

(3) Idem — *Capitania de Itanhaém* — (Memória Histórica) — Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo vol. XX.

Idem — *Os primitivos aldeamentos indígenas e índios mansos de Itanhaém* — Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. X.

Publicando em 1895 o seu primeiro trabalho sôbre o assunto, Calixto demonstrou como se teria dado a fundação, primeiro do aldeamento dos indígenas em plena praia de Peruíbe, depois a criação da povoação portuguesa na foz do rio Itanhaém. Eis como o autor explica êsses fatos:

"A povoação de Itanhaém foi fundada por Martim Afonso de Sousa, entre os anos de 1532 e 1533, duas léguas e meia a oeste da atual vila, no lugar em que hoje existem as ruínas da Igreja e Colégio dos Jesuítas, na aldeia de São João Batista. Regidos por um pároco, viviam ali alguns colonos no meio dos indígenas, que constituíam, desde tempos imemoriais, a aldeia dos Itanhaéns.

Por ordem de Martim Afonso e, mais tarde, sob a direção do pio e virtuoso Gonçalo Monteiro, imediato sucessor dêste no govêrno da Capitania de São Vicente, deu-se princípio à Igreja paroquial, sob a invocação de *Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém*. Em 1549, vieram estabelecer-se, neste litoral, o castelhano João Rodrigues e o português Cristóvam Gonçalves. Estes indivíduos, homens de certa importância, que vinham com fim de estabelecer feitoria agrícola, acharam que o terreno sito à margem esquerda do rio Itanhaém se presiaava com melhor vantagem para um estabelecimento, o que levaram a efeito imediatamente" (4).

Pelas palavras do autor, vê-se claramente que desde o início o português percebera que o local da aldeia dos itanhaéns não era favorável, principalmente por causa do problema das comunicações, não tendo um pôrto para atracação de barcos e tendo o rio Itanhaém como obstáculo no caminho através da praia. O fator geográfico — localização, sobrepujou então o fator de ordem humana, que no caso seria o interêsse do português em conservar a amizade dos indígenas, procurando instalar-se junto a êles, ao invés de obrigá-los à transferência de sua aldeia para um ponto mais vantajosamente situado.

É interessante estabelecer-se um paralelo entre tais fatos, que se deram na baixada litorânea, e os que pouco depois iriam repetir-se no planalto, com Santo André da Borda do Campo e o Colégio dos Jesuítas (5). A mesma preocupação de uma localização melhor obrigou o português a transferir tôda a população de um local para outro; a diferença consiste em que, no planalto, venceu a aldeia dos religiosos, enquanto na baixada foi a civil a vitoriosa.

Embora os jesuítas se tivessem instalado na aldeia dos itanhaéns, construindo aí uma igreja e convento, de que hoje só restam algumas ruínas invadidas pelo mato (6), sua influência na fixação do colono

(4) CALIXTO (Benedito) — *A Vila de Itanhaém*, págs. 25-26.

(5) PRADO JUNIOR (Caio) — *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo* — in "Geografia" — ano I, n. 3, São Paulo, 1935.

(6) Êste convento foi um dos três construídos, numa só década, na Capitania de São Vicente; os dois outros foram levantados em São Vicente e São Paulo (1549-1559).

neste trecho da praia não se fêz sentir. Os colonos preferiram mudar-se para o novo local da recém-fundada Itanhaém, mesmo porque existia também ali o problema da rivalidade entre civis e religiosos, em torno da "posse" do índio.

Na década 1550-1560, de tanta importância para a história paulista, Itanhaém recebeu bastante incremento, devido principalmente à chegada de inúmeros vicentinos fugidos com receio da "Confederação dos Tamóios", tanto assim que a povoação pouco depois (1561) foi elevada à categoria de vila, tornando-se a segunda com êste título na Capitania de São Vicente (7).

O período de maior prosperidade da antiga Itanhaém, começado em 1561, tomou vulto a partir de 1624, quando foi erigida em cabeça de Capitania, mercê das divergências havidas entre os herdeiros de Martin Afonso e Pero Lopes. Passando a vila de São Vicente a fazer parte da antiga Capitania de Pero Lopes, a condessa de Vinieiro achou de bom alvitre localizar em Itanhaém a sede da Capitania vicentina (8).

Diremos, porém, que esta prosperidade foi relativa, não se comparando ao que vinha sucedendo em outros pontos da costa brasileira, como Rio de Janeiro, Santos e Iguape. Mero arbítrio de um donatário, que não conhecia senão por informações o que se passava em seus domínios (9), a escolha de Itanhaém para substituir São Vicente foi das mais infelizes do ponto de vista administrativo. Sem qualquer ligação com o planalto, nem mesmo com as outras vilas e povoados do litoral, com os quais as comunicações eram difíceis; sem qualquer atrativo, de que pudessem prevalecer-se como sede administrativa de uma vasta região; sem interferência direta nas zonas produtoras, que então se formavam nos vales do alto Tietê e do Paraíba e, mais tarde, nas Minas Gerais, custa-nos crêr que os capitães-mores de Itanhaém pudessem ter autoridade sobre os piratibuanos, parnaibanos ou taubateanos da época.

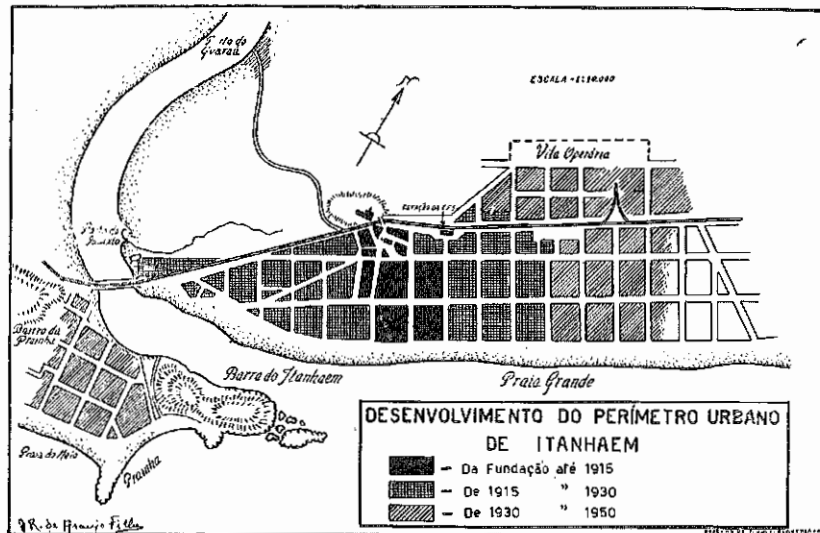
Infelizmente, dêle só existem de pé os restos de três paredes, coroando o alto de um pequeno morro. Tais ruínas da sólida construção dos jesuítas são conhecidas pelo nome de *Ruínas do Abarebebê*, lembrando o padre Leonardo Nunes.

(7) A elevação de Itanhaém a vila foi realizada pelo capitão-mór Francisco de Moraes, loco-tenente de Martin Afonso, a 19 de Abril de 1561. Cf. CALIXTO (Benedito) — A vila de Itanhaém.

Com a criação à categoria de vila da povoação fundada junto à foz do rio Itanhaém, com o nome de "Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém", a primitiva aldeia indígena da praia de Peruíbe, que tivera essa mesma designação desde 1533, passou a ser chamada São João Batista.

(8) Leia-se, sobre o assunto, os trabalhos de Calixto, Machado de Oliveira, Frei Gaspar e Pedro Taques, que fizeram explanações sobre o rumoroso processo Vinieiro-Mon Santo, só terminado com a elevação de São Paulo a sede das antigas Capitanias de São Vicente e Santo Amaro, já no século XVIII. Alguns desses historiadores acham que a vila de Itanhaém muito prosperou quando foi sede de Capitania, o que nos parece exagerado.

(9) O último trabalho publicado sobre os capitães-mores de Itanhaém foi escrito por Francisco de A. Carvalho Franco, na "Revista do Arquivo Municipal", ano VI, vol. LX⁵, São Paulo, 1940. Sobre o mesmo assunto escreveram Marcelino Pereira Cleto, Frmelino de Leão e Benedito Calixto, em trabalhos publicados pela "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo".



O CRESCIMENTO DE ITANHAÉM

Assim não pensa Calixto, seu filho ilustre, que, nos seus vários escritos sobre a Capitania de Itanhaém, procurou mostrar a influência da sede sobre as regiões que lhe pertenciam. Parece-nos, porém, mais justo aceitar o contrário, deixando a Itanhaém apenas a glória de ter sido sede teórica da antiga Capitania de São Vicente e residência dos seus capitães-mores, cuja lista é longa e que ainda em nossos dias está sendo discutida pelos que se ocupam da sua história, mas de uma história meramente descritiva, senão enumerativa, sem qualquer aspecto interpretativo.

De qualquer forma, porém, pelo pouco que se sabe do passado itanhaense nos séculos XVII e XVIII, pelas informações de alguns viajantes que por lá passaram nos princípios do século XIX e, mesmo, por sucintas descrições de historiadores, vê-se que a antiga vila, tão bem começada nos seu primeiros dias de vida, entraria logo num estado de estagnação, que iria pronunciar-se com o tempo, chegando até nossos dias.

Já tivemos ocasião de falar sobre a pequena importância dos arredores de Itanhaém e mais algumas informações sobre a vila do século XIX bastarão para nos dar uma idéia mais concreta do que vimos afirmando até aqui — a pobreza de Itanhaém.

Em 1805, passando pela vila, Martin Francisco Ribeiro de Andrada assim a descreve:

“Esta vila está situada em uma planície que se entende até à praia e pouco arredada dela; verdadeiramente fica pouco distante da costa do mar e, ao lado, na margem, corre um rio do mesmo nome, que continua até à serra, donde há uma picada para a Freguesia de Santo Amaro. Neste rio podem entrar pequenas barcas, as quais podem sair à meia carga e acabar de carregar fora, segundo me asseverou. Deixei de fazer cuidadosas indagações por este rio, visto me dizer a gente do país que nada havia que ver... Sua população anda por mil e tantos habitantes, entrando a aldeia; o forte da cultura do país é a plantação de mandioca; pouco café e cana; a maior parte do povo ocupa-se em serrar madeiras, tanto assim que os dízimos no triênio sómente montam a 700\$000, minguado rendimento para uma povoação que fôsse menos indolente e mais ativa” (10).

Meio século depois, a situação de Itanhaém ainda era a mesma, pelo que se conclui da leitura da lista que vai transcrita a seguir; quando alguns municípios do litoral tinham as maiores rendas da Província, a antiga sede da Capitania vicentina se apresentava num dos últimos lugares:

RENDA MUNICIPAL EM 1852 (11)

Ubatuba	5:113\$223
Santos	4:467\$650
São Sebastião	3:146\$512
Iguape	1:209\$001
Itanhaém	308\$566
Cananéia	272\$143
São Vicente	42\$196

Foi o período em que o litoral norte alcançou seu apogeu econômico-demográfico, à custa não somente de suas lavouras, mas particularmente devido à riqueza cafeeira do vale do Paraíba, de que era o escoadouro. Ora, Itanhaém está no litoral sul, trecho que jamais pode valer-se das vantagens econômicas do planalto.

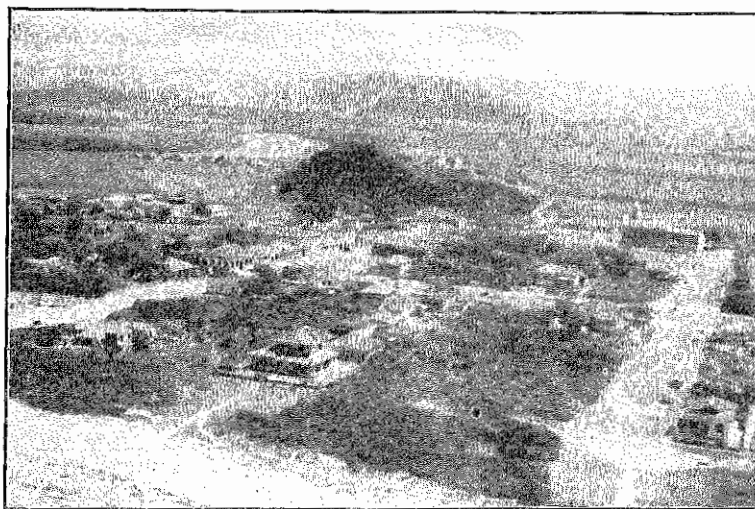
No último quartel do século, Itanhaém continuaria na mesma, como se pode atestar pela seguinte descrição:

“Esta antiga capital da Capitania está presentemente reduzida a uma mesquinha povoação, por vèzes apelidada Conceição, por ser a sua Igreja de invocação desta Senhora. Apenas se faz em seu pôrto algum comércio de farinha de mandioca e de tabuada” (12).

(10) Cf. MOREIRA PINTO (Alfredo) — *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil* — Imprensa Nacional, Rio, 1896.

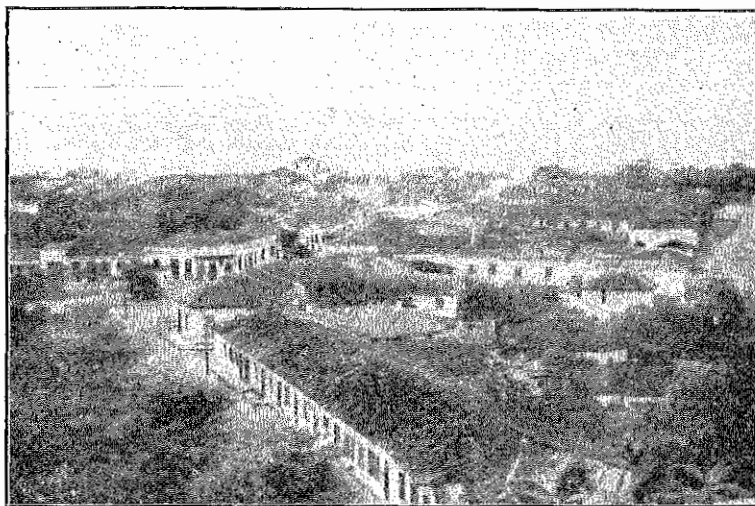
(11) *Anais da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo — 1852* — Arquivo do Estado.

(12) MILLIET DE SAINT-ADOLPHE — *Dicionário Geográfico, Histórico e Discritivo do Império do Brasil* — Paris, 1875.



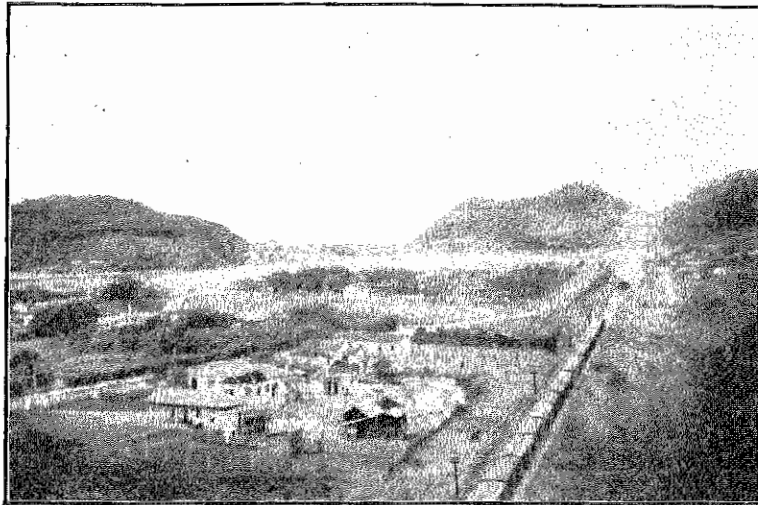
O BERÇO DE ITANHAÉM

Nesta fotografia, tirada do mar, vê-se o sítio primitivo da cidade, limitado pelos manguesais (no fundo, a direita), pelo morro do Convento (no centro) e, à esquerda, pelos antigos mangueisais, hoje quasi desaparecidos. Ao fundo, aparecem a baixada do Itanhaém, alguns esporões da serra do Paranapiacaba e, finalmente, o perfil desta, num paredão continuo (Foto Paulo Florençano).



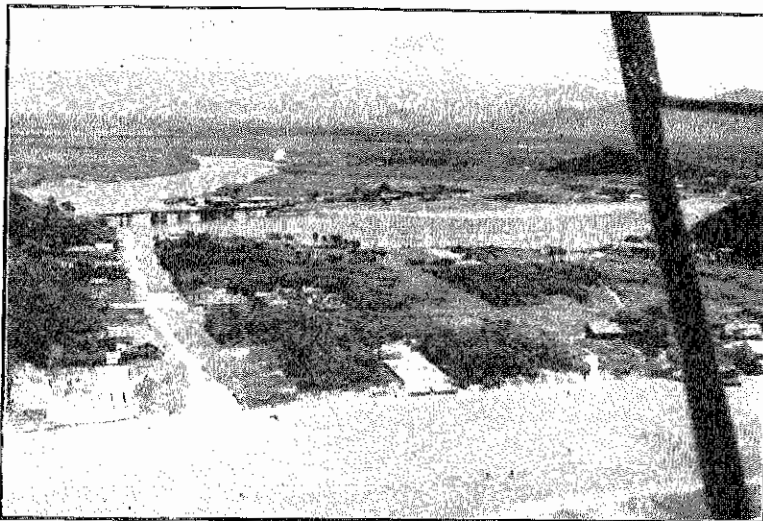
ITANHAÉM E SEU TRECHO MAIS ANTIGO

A parte velha da cidade, com seu casario grudado um ao outro (Foto Aroldo de Azevedo)



ITANHAÉM E SUA PARTE BAIXA

O trecho baixo da cidade, na parte ganha ao mangue e ao rio, limitado pela linha ferrea; à direita da linha, ainda permanece o manguesal. Essa é a parte da cidade que mais tem evoluído ultimamente, acompanhada de perto pelo bairro da Prainha, que se vê ao fundo, entre os morros Taquanduva e Cunha Moreira, já na margem direita do rio (Foto Aroldo de Azevedo)



O BAIRRO DA PRAINHA

O sitio onde se desenvolve rapidamente o mais novo bairro itanhaense, o da Prainha, sobre as restingas que unem os morros Taquanduva e Cunha Moreira. Ainda podemos observar, na fotografia, a ponte da "Juquia", o pórtico do Baixio, um trecho da baixada interior e, no fundo, o perfil da Paranapiacaba, além de alguns de seus esporões (Foto Paulo Florençano).

Mesquinha povoação seria ela ainda no tempo de Calixto, já no fim do século; leiamos suas palavras e vejamos como são expressivas:

“Itanhaém, apesar de ter-se mantido com foros de vila com as dificuldades que teve de vencer, continúa, no meio da ordem e progresso em que vivemos, a ser ainda a vila e município mais pobre do Estado de São Paulo. Quase tudo é ainda primitivo. O seu comércio, a sua indústria, a sua lavoura são nulos, por assim dizer. O mau estado atual da sua barra, a falta absoluta de transporte fácil para os municípios limítrofes, atrofia e mata a sua pequena lavoura. Por êsse motivo, o povo só produz o necessário para a sua subsistência” (13).

Se, há quase um século, conforme vimos através de dados transcritos, Itanhaém se colocava num dos últimos lugares, no que diz respeito às rendas dos municípios paulistas; se, pouco tempo depois, Calixto a descrevia como sede do mais pobre município de São Paulo, não é para admirar que, em pleno século XX, a fôssemos encontrar tal qual fôra desde os tempos coloniais, dentro daquela modorra de verdadeira “cidade morta”.

Ora, êsse atrazo e falta de progresso encontrados em Itanhaém desde os seus primórdios, têm sido explicados principalmente pela sua situação geográfica, como aliás já frisamos várias vezes. Mas tal aspecto da geografia itanhaense, ao qual vimos dando tanta importância para o desenvolvimento ou, melhor, para o não desenvolvimento da zona em épocas passadas, parece que, em pleno século XX, não pode mais ser levado em tanta consideração.

Se o meio físico em todo o litoral paulista sempre foi difícil de ser vencido e em Itanhaém mais ainda, contudo, na nossa época, já não se pode mais dizer o mesmo. Exemplos existem, nas ilhas de São Vicente e Santo Amaro, onde o homem conseguiu demonstrar plenamente o quanto vale a técnica, auxiliando-o na sua luta contra o meio. Ora, Itanhaém podia ser também, de há muito, mais um exemplo desta bela vitória humana, que hoje se nota nos sítios de Santos, São Vicente e Guarujá, se outros tivessem sido os caminhos seguidos, não apenas por seus filhos, mas também pelos dirigentes de nossa terra.

A falta completa de obras públicas, que se nota não só na cidade como principalmente no meio rural, constitui um atestado do que acabamos de afirmar. A não ser a água encanada, inaugurada em 1907, e que, por isso mesmo, já está necessitando de reformas, no mais, tudo falta ali: iluminação pública constante, rede de esgotos, ruas cuidadas, prédios escolares, estradas, enfim toda a série de melhoramentos que um povo que se diz civilizado possui, em Itanhaém são desconhecidos.

(13) CALIXTO (Benedito) — *A vila de Itanhaém*, págs. 48 e 49.

Ora, diante de tudo isso, é perfeitamente explicável o papel secundário representado por Itanhaém na história econômico-social da zona litorânea paulista, mesmo quando esta foi das mais importantes regiões da Província no século passado, época em que Iguape, São Sebastião e Ubatuba tiveram o seu período de agitação e de fartura.

Itanhaém de nossos dias. — Itanhaém até há uns 20 anos, salvo algumas construções de gente de fora, continuava sua existência apagada. É verdade que este marasmo vinha de longe, dos séculos anteriores, conforme vimos, mas a cidadezinha continuava a oferecer resistência ao desaparecimento completo, conseguindo, até à República, manter-se como sede municipal. Mas, se questões históricas, políticas e mesmo sentimentais continuaram a dar a Itanhaém, como no passado, foros de cidade, do ponto de vista geográfico já não podemos dizer o mesmo. Nenhum dos principais característicos tomados pelos geógrafos modernos para designar uma cidade (14) existe ali.

Nem a estrada de ferro que a liga a Santos desde 1915, nem os bananais que se formaram em seu reduzido "hinterland", deram-lhe forças para reagir. Embora Itanhaém possuísse nos últimos 20 anos as zonas pioneiras mais importantes do litoral, com a criação em seus arredores de uma riqueza representada por mais de 4 milhões de touceiras de bananeiras, nem assim à sede municipal se poderia dar, sob o ponto de vista comercial, o título de capital regional. É que aquela riqueza agrícola se isolara na baixada interior, estabelecendo relações diretamente com Santos e apenas transitando pela cidadezinha, em viagem para o grande porto exportador, sem nada lhe deixar.

A partir de 1930 (15), com a melhoria dos serviços ferroviários da linha Juquiá, havia pouco encampada pelo Governo do Estado, intensificaram-se as visitas dos forasteiros planaltinos, que não tardaram em se tornar veranistas, contribuindo assim para uma nova época na evolução de Itanhaém. Deu-se ali o mesmo fenômeno a que se assistiu em São Vicente e que se continua ainda hoje a presenciar, isto é, a transformação da cidade à custa do veranista. De fato, a "célula-máter" brasileira, nos primeiros anos deste século, definhava cada vez mais, aparecendo em condições bastante precárias.

(14) CHABOT (George) — *Les Villes* — Col. Armand. Colin, Paris, 1948.

LA BLACHE (Vidal de) — *Principes de Géographie Humaine* —, Lib. Armand Colin, Paris, 1936.

LAVEDAN (Pierre) — *Géographie des Villes* — Col. Pierre Deffontaines, Paris, 1936.

BRUNHES (Jean) — *La Géographie Humaine* — Lib. Felix Alcan, Paris, 1925.

(15) Antes de 1928, ano em que o Governo do Estado encampou a ferrovia, já havia em Itanhaém um ou outro prédio moderno, de pessoas de São Paulo, mas que, pelo seu número reduzido, em nada mudara o aspecto da cidade.

Depois da guerra de 1914-18, quando principiou o hábito de veraneiar com mais frequência nas praias santistas, também as belas praias vicentinas começaram a ser visitadas (16) e, com isso, as primeiras residências para veraneio passaram a ser construídas; atrás delas, os palacetes de gente abastada do planalto e até da própria cidade de Santos (17).

Nos últimos tempos, quando o estado de saturação nos terrenos praianos de Santos parece ter chegado ao auge, os de São Vicente têm marcado época. Assim, nos últimos 10 anos, bairros novos, cheios de construções, vão-se espalhando, das praias de Itararé e Bela Vista aos costões do lado continental da baía vicentina; do morro da Biquinha aos cômodos de areia, no velho caminho de Santos (18).

São Vicente, tão pobre no princípio do século, é hoje uma das mais prósperas cidades paulistas, com uma renda superior a 10 milhões de cruzeiros (19). O veranista, e somente êle, foi o grande incentivador desse renascimento.

O mesmo fenômeno, salvo as proporções, vem-se dando em Itanhaém, a partir de um período de guerra, a de 1939-45. Aqui, como na terra vicentina, nada havia que pudesse dar idéia de renovação, de movimento e de vida. Aqui, como lá, embora já se houvesse criado uma riqueza agrícola de importância, esta jamais contribuiu para os parques rendimentos do município (20). Aqui, como em São Vicente, o progresso chegou como que de improviso, à custa do veranista planaltino.

A cidadezinha praiana vem conhecendo, desde então, um surto progressista, atestado pelo número de construções novas (21), pelos bairros surgidos, pelo movimento, enfim, de seus hotéis. Êsse surto, porém, feito exclusivamente por veranistas, não trouxe um aumento à população local nem mesmo ao seu comércio, assim como não

(16) Por essa época, inaugurou-se a ponte-pênsil, ligando a ilha de São Vicente ao continente, pondo assim, a poucos minutos de Santos, o Boqueirão da Praia Grande; foi quando os primeiros automóveis começaram a percorrer aquela extensa praia, chegando de vez em quando a Itanhaém, se a maré permitisse.

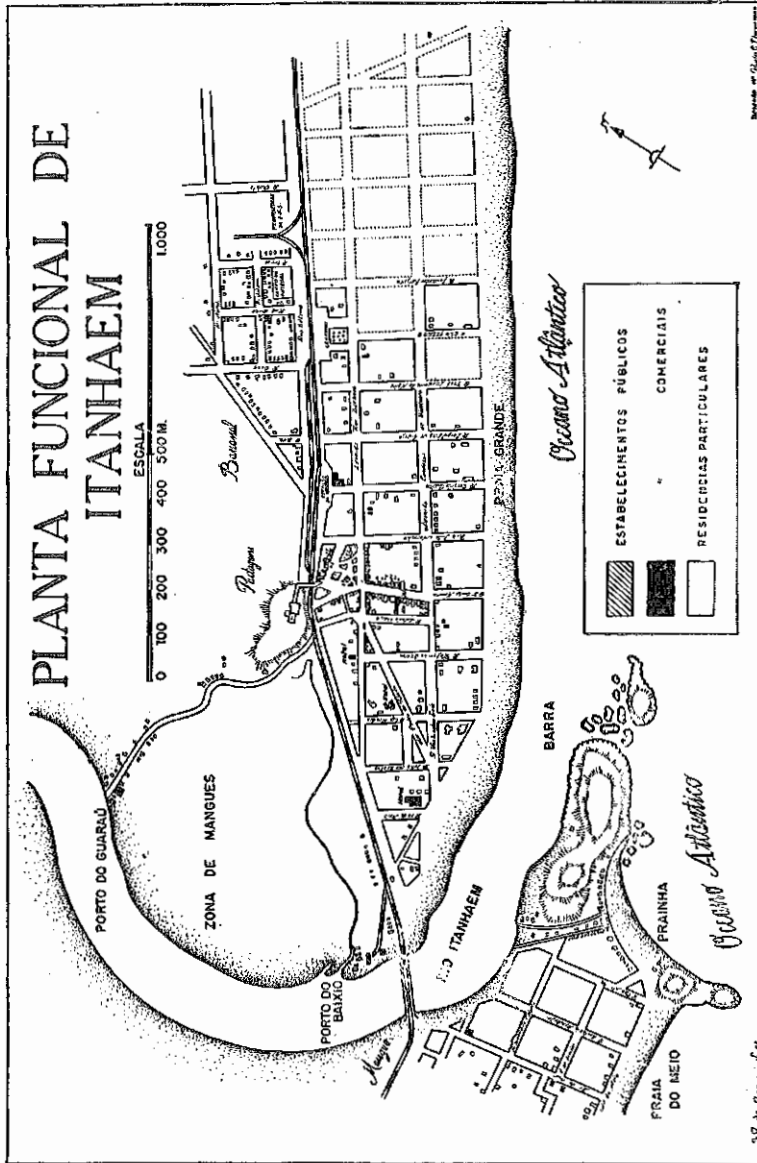
(17) Na praia de Bela Vista formou-se logo um belo bairro residencial, cujos pioneiros foram ingleses, funcionários da Cia. City, da S. P. R. e de vários bancos, todos trabalhando em Santos.

(18) Êste caminho ladeava, pelo oeste, os morros que formam o pequeno maciço central da ilha de São Vicente, passando pelo Voturuá, pelo engenho de São Jorge dos Erasmos, subindo o morro do mesmo nome e chegando a Santos nas proximidades do atual mosteiro de São Bento.

(19) Em 1948 a tributação do município alcançou a cifra de Cr. \$ 14.640.521,20, enquanto que, em 1939, era de Cr. \$ 1.123.958,20. Em 1900, São Vicente só conseguia obter Cr. \$ 76.290,20 de rendimento municipal.

(20) Como se dá atualmente em Itanhaém, a imensa riqueza que representam os bananais também existiu 30 anos em São Vicente, escoando-se toda para fóra, sem nada deixar à zona e à cidade.

(21) Consultando os alvarás para novas construções, na Câmara Municipal, vimos que somente a partir de 1923 se principiou a construir pelo menos uma casa por ano em Itanhaém; até então nada mais existia além do que o passado lhe deixara, salvo, é claro, as edificações ferroviárias.



PLANTA FUNCIONAL DE ITANHAEM

concorreu para criar uma zona hortense ou de pequenas chácaras, onde, além de verduras, se produzissem leite, ovos, etc. Nada disso apareceu e a transformação se fêz sentir quasi que sòmente no campo das novas construções, aumentando o perímetro edificado da cidade. As construções vinham sendo feitas parcimoniosamente desde 1925, só tomando vulto nos últimos 10 anos, a ponto de, nesse espaço de tempo, construir-se 1/3 das atuais casas. De fato, dos 400 prédios que conta Itanhaém atualmente, 132 foram construídos na última década. Estas construções, é bem de vêr-se, não se fizeram no sítio primitivo da cidade, onde, embora se note uma ou outra casa nova, ainda se encontra, com pequenas diferenças, o que foi a vila do passado; elas se espalharam pela *parte baixa* da cidade, isto é, o trecho que ainda neste século era coberto de água e de manguesais e que, com o levantamento do atêrro da estrada de ferro, foi enxugado gradativamente, arrastando assim a cidade para a barra do rio; estenderam-se pelo chamado "Bairro Operário", à margem direita da ferrovia, quase defronte à estação, e, finalmente, pela Prainha, além do rio, junto às praias de banho utilizadas pelos veranistas.

Formaram-se, assim, à custa dêsse surto construtivo, bairros novos, como a Vila Operária e da Prainha, e teve lugar o aumento perimetral da cidade pròpriamente dita, com o seu crescimento pela parte baixa e mesmo pelas proximidades do pontal da praia Grande (vide mapa).

Êsse aumento é visível a qualquer um que suba o morro do Convento e observe a atual paisagem urbana em Itanhaém, que já é bem diferente daquela que se observava em 1930. Ao invés de se avistar a vilazinha como fôra no passado, tem-se a impressão de que o progresso chegou, ainda que de modo lento. Contrastam, logo à primeira vista, o casario velho, constituído por habilitações grudadas uma às outras, de telhados enegrecidos pelo tempo, cobertos de musgos e até de plantas mais desenvolvidas, e as casas modernas, amplas, espaçadas, ajardinadas e com todo o confôrto moderno. O núcleo primitivo como que se isola no meio dos palacetes e bangalôs que se espalham pelas avenidas Rui Barbosa, Condessa de Vinieiro, Beira-Mar ou pelas ruas Washington Luis, João Marinho e Zeferino Soares; e, além da barra do rio, no mais recente bairro, o da Prainha, onde existem casas que nada ficam a dever aos palacetes das mais frequentadas praias santistas e vicentinas.

Tôdas essas novas construções se fazem num ritmo acelerado, embora sejam de alto preço, pois a totalidade do material vem de fóra; salvo a areia e a pedra, o mais vem diretamente de São Paulo ou das firmas construtoras de Santos.

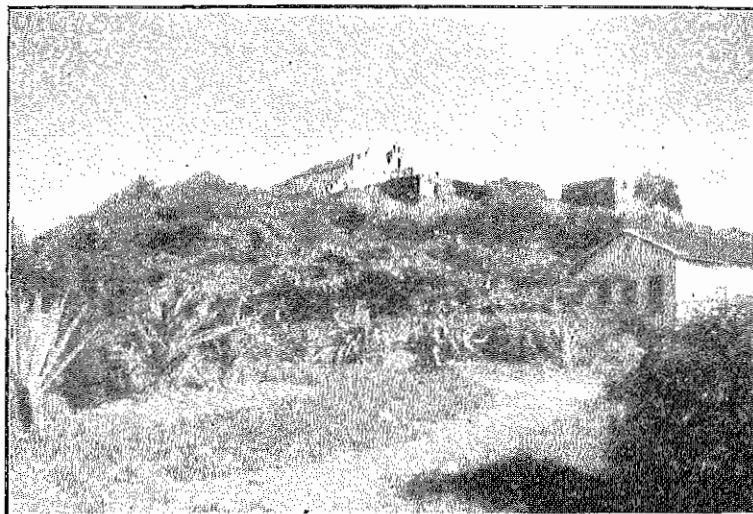
Entretanto, tal surto progressista no setor das construções não tem sido acompanhado pelos demais setores da vida urbana. Realmente, essas novas construções, apesar de contribuírem para o aumento do perímetro urbano e para o crescimento das rendas municipais (22) não concorreram, como era de se esperar, para o incremento do comércio, para o desenvolvimento demográfico da cidade, para um certo movimento, enfim, que todo núcleo urbano, que não esteja em decadência ou estagnado, deve possuir. Tais fatos não aconteceram em Itanhaém, porque pertencem a gente de fóra as habitações que nos últimos anos foram construídas, gente essa que, salvo os meses das férias de verão e de inverno, só excepcionalmente ocupa as novas vivendas. Assim sendo, não se criou ainda um ambiente propício a um comércio estável e ativo, onde as casas de negócio se multiplicassem na proporção do ritmo das novas construções. Aquêles aspectos tão próprios das cidades novas paulistas, verdadeiros milagres urbanos saídos do espírito empreendedor dos pioneiros planaltinos, onde ao lado das residências, muitas vèzes de madeira, já se encontram armazéns, lojas, confeitarias, cinema, etc., tudo no mesmo ritmo de movimento e de vida, fazem contraste com o evoluir vagaroso da Itanhaém de hoje (23).

Isso não quer dizer, porém, que Itanhaém, à custa da chegada do veranista, não tenha experimentado uma certa melhora: nos períodos de férias e, excepcionalmente, fora delas, nos dias em que alguns feriados coincidem com fins de semanas, quando, em poucas horas, os trens da Sorocabana, os ônibus e automoveis despejam algumas centenas de viajantes na pequenina "urbs", a vida como que renasce nos seus hotéis, nos poucos bares, nas ruas, e, particularmente, nas praias. E' o momento em que o comércio faz grande parte da sua fèria anual, procurando ressarcir-se dos prejuízos dos dias parados. Tudo, então, é vendido por preços exorbitantes. Aliás, os armazens, lojas e bares, já em número reduzido, possuem estoques pequenos, desde que não podem controlar com exatidão as quantidades de suas vendas; e êsses diminutos estoques compõem-se, na sua grande parte, de quinquilharias e tecidos para as duas lojas, de uns poucos gêneros alimentícios para os armazéns, e, principalmente, de muita bebida para os bares e cafés. Não erraremos se

(22) As rendas municipais em Itanhaém, pouco aumento acusavam antes de 1940, mas a partir de 1945, sobretudo, subiram extraordinariamente:

1900	Cr\$ 5.895,97
1940	Cr\$ 99.937,37
1942	Cr\$ 111.205,60
1944	Cr\$ 133.683,70
1946	Cr\$ 153.993,87
1948	Cr\$ 506.000,00

(23) Somente no ano passado foi que se construiu, pela primeira vez, um prédio para cinema em Itanhaém.



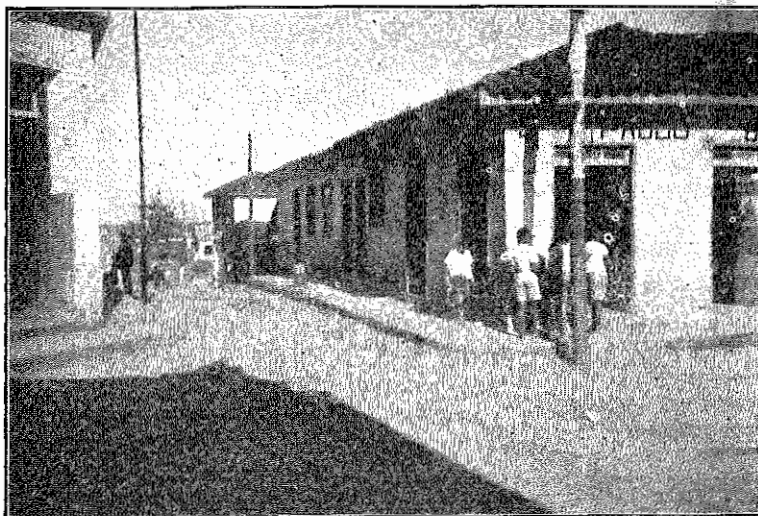
O MORRO DO CONVENTO

A igreja de Nossa Senhora da Conceição, no alto do morro do Convento, construída pelos franciscanos no século XVII (Foto do autor).



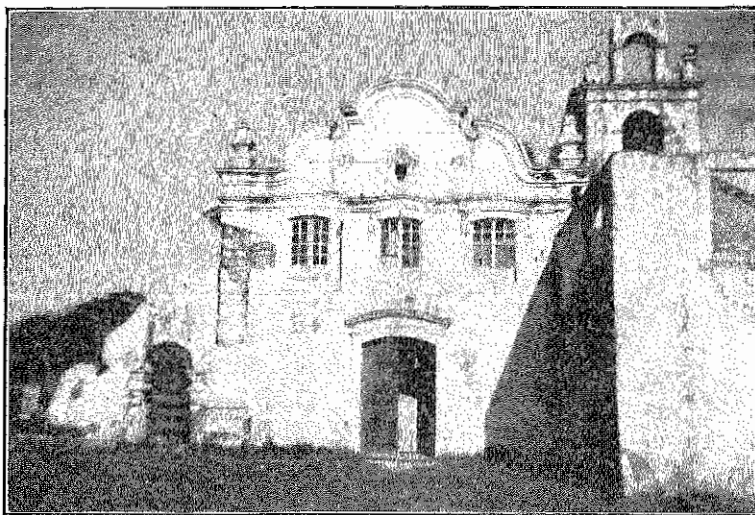
ITANHAÉM: O LARGO DA MATRIZ

A matriz, igreja de Sant'Ana, que data de meados do século XVIII (Foto do autor)



HABITAÇÕES DA PARTE ANTIGA DE ITANHAÉM

Tipos de casas, de beirais largos, encontradas na parte velha da cidade, que é também o centro comercial. Nota-se, nesta fotografia, o desnível existente entre o que chamamos de *cidade alta* e *cidade baixa* (Foto do autor).



A VELHA IGREJA DO MORRO DO CONVENTO

Sómente a igreja de Nossa Senhora da Conceição permaneceu de pé, tendo sido há pouco tempo reconstruída; o convento está em ruínas (Foto do autor).

afirmarmos que grande parte das compras do comércio itanhaense em Santos e São Paulo se faz no campo das bebidas, as mais variadas; são elas que sustentam os armazéns e bares, dando-lhes boas rendas na época do veraneio e garantindo-lhes a abertura no resto do ano.

Esse progresso parcial, feito quase que somente no campo das construções, poderia abranger os demais setores da vida urbana itanhaense, se houvesse cooperação da parte da população local e da administração pública à iniciativa particular do veranista.

Sem se haver preparado com um mínimo siquer do necessário para receber, nas épocas precisas, os contingentes flutuantes, Itanhaém quase nada pode oferecer àqueles que, mesmo sem se incomodar muito com o preço, querem passar uns dias de folga, mas com certo conforto.

No que diz respeito ao transporte, se melhorou com a encampação da linha Juquiá, essa melhoria foi passageira, pois, apesar de correrem trens diários entre Santos e Itanhaém (coisa que no tempo dos ingleses não acontecia) (24), estes trens nada oferecem que possa atrair o viajante: além de morosos, não têm horário de chegada, não têm conforto algum e, o que é pior, não têm segurança, descarriando frequentemente e passando por pontes que de há muito foram condenadas (25).

Se o transporte ferroviário possui lacunas tão graves, o rodoviário não oferece condições muito melhores. Realmente, em que poderá atrair o viajante, exceto por suas belezas naturais, uma "estrada" como a praia Grande? Não é de hoje que ela desempenha o papel de única "rodovia" entre São Vicente e Itanhaém. Apesar dos reclames das companhias de terrenos e dos hotéis locais, mostrando as vantagens de uma viagem pela praia, todos os que conhecem esse tipo de via natural de comunicação sabem muito bem os precalços que oferece. Mesmo assim, nos últimos três anos, após a inauguração da via Anchieta, o automovel tem levado vantagem sobre o trem no transporte para Itanhaém. É que a viagem, quando bem sucedida, se faz em um tempo que equivale a quase 1/3 do empregado pelo trem. E, assim, em meados do século XX, na era das auto-estradas, o transporte para Itanhaém faz-se, em grande parte, ainda por intermédio de uma pista natural, a mesma que, até 1915, constituía o único meio de comunicação da cidadezinha com os centros mais importantes. Embora em autos velozes ou em ônibus

(24) Referimo-nos à antiga "Southern S. Paulo Railway", inaugurada em 1915.

(25) De Santos a Itanhaém, a ferrovia atravessa o braço de mar que separa a ilha de São Vicente do continente, por sobre uma ponte (ponte do Barreiro), de 600 metros de comprimento, a qual, quando construída em 1915 pelos ingleses, o foi para servir ao trânsito por 15 anos no máximo; e ainda hoje lá se encontra, remendada de vez em quando, à espera do que com ela aconteça o que há pouco se viu com a ponte sobre o rio Itanhaém — um trem mergulhando n'água, provocando a morte de trabalhadores da estrada; remendada com madeira, continua a servir ao público, sem que a "Sorocabana" tome providências mais sérias.

confortáveis, que muitas vêzes deixam sua carcassa enterrada nos riachos traiçoeiros que são o espantinho dos volantes que andam pela praia. O paulista da atualidade é obrigado a servir-se dessa estrada natural, porque a região itanhaense jamais soube o que fôsse um quilômetro sequer de estrada carroçável.

Óra, o que acontece com os meios de transporte repercute, desde logo no abastecimento da cidade; não possuindo, como já tivemos ocasião de mostrar, um meio rural produtivo, que lhe pudesse fornecer os gêneros de primeira necessidade, Itanhaém tem de se abastecer fora, particularmente em São Vicente e Santos. Assim sendo, não só os produtos lhe custam bem mais caro, como encarecem ainda mais com o problema do transporte (26).

Como os armazéns e, particularmente, os hotéis não podem controlar o consumo de suas mercadorias, assistimos, então, a este fato comum na cidade: na maior parte do ano, devido ao pouco movimento de gente de fora, as compras dos comerciantes e hoteleiros itanhaenses se retraem nos centros abastecedores, de maneira que, indo-se a um hotel ou a um armazém neste período, arrisca-se ou a não encontrar nada, ou a sujeitar-se a um "menu" pobre. Mas, nos períodos de férias, quando não somente os hotéis mas as casas dos veranistas se superlotam, assiste-se a um fato idêntico, senão pior: há carência de quase tudo, salvo o pão, que é feito pelas duas padarias locais, e as bebidas, que constituem as únicas mercadorias em abundância. O mais em pouco tempo acaba, uma vez que tanto os comerciantes como os hoteleiros não podem, ou melhor, não sabem controlar os seus estoques. De modo que, num ou noutro período, o comércio itanhaense é muito irregular. Ou porque faltem consumidores, ou porque estes sejam em demasia, o fato é que o reduzido centro comercial da localidade se vê em dificuldades para poder cumprir o seu papel.

Se aliarmos a estes aspectos, que vimos enumerando, a circunstância dos hotéis não apresentarem alojamentos adequados, já pelo número reduzido de quartos (os 4 hotéis existentes não podem alojar mais que umas 280 pessoas e, assim mesmo, numa média de 3 para cada quarto), já pela falta de conforto, teremos, então, a prova da falta de cooperação entre os poderes públicos, a população local e os veranistas.

A essa série de fatores, que vem colaborando negativamente para o desenvolvimento regular da Itanhaém de nossos dias, devemos acrescentar mais dois outros, também grandes responsáveis pela lenta evolução da cidade: baixo índice aquisitivo das populações praianas e o completo isolamento em que vivem os bananeiros da região, que só fazem os seus negócios diretamente em Santos.

(26) Em Itanhaém vêm de fora, desde o leite e a carne, que aí chegam diariamente, pelo trem das 8 horas, aos cereais, às verduras, aos ovos etc., e, às vêzes, até o peixe.